

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO III

LISBOA, 20 DE JUNHO DE 1919

N.º 72

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1\$40 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE . 670 || ANO 3\$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

BRAZIL E PORTUGAL

UMA VISITA HISTORICA

A recente visita que o Sr. Dr. Epitacio Pessoa, presidente eleito da republica do Brazil, acaba de fazer a Portugal, foi, para nós, portuguezes, n'este especial momento, d'um altissimo significado.

A sua vinda a bordo d'um barco de guerra inglez, d'onde passou para outro que a França mandou pôr á sua disposição, encontrando-se ambos nas salsas aguas do Tejo, maior relevo veiu dar a esse facto.

Todavia, se, pelo lado da politica internacional, essa gentileza do illustre brasileiro pode, porventura, ser interpretada como uma das muitas subtilidades de que habitualmente se serve a astuciosa arte da diplomacia, pelo lado das nossas relações com a grande republica sul-americana a visita do sr. Dr. Epitacio Pessoa constituiu para os simples mortaes que vivem fóra dos segredos das chancelarias, um acto de requintada cortezia em correspondencia ao convite que lhe foi feito, traduzindo ainda a especial deferencia que o Brazil manifesta sempre por este nosso Paiz que foi o propulsor d'esse vasto emporio que se estende no novo Continente, para lá do Equador.

Bem vindo-seja, pois.

Ao repararmos na figura *mignone* mas insinuante d'esse alto representante da nação nossa irmã, vimos n'ele

como que um novo élo d'essa corrente com que Pedro Alvares Cabral prendeu as duas terras — Brazil e Portugal.

De facto, atravez todas as emergencias e as vicissitudes do tempo, nunca o Brazil deixou de corresponder, simpáthica e carinhosamente, aos affectos que lhe tem sido prodigalizados por esta patria progenitora de portuguezes e brasileiros. E se mais provas d'uma verdadeira e fraternal amizade não se tem produzido, é simplesmente

perdurarão sem duvida pelo decorrer dos seculos, n'uma ininterrupta sequencia de gerações.

Foi, pois, para nós, mais uma d'essas afirmações, a interpretação que teve a visita que nos acaba de fazer o simpáthico e a todos os titulos illustre brasileiro, que na recepção amavel que teve, na expontaneidade das aclamações de que foi alvo, no vibrar continuo d'esta alma luzitana junto do seu irmão d'alem-mar, havia de sentir-se feliz e justamente sensibilizado.

Pena foi que as excepçoes condições do momento e a falta de tempo que houve, não tivessem permitido que lhe dispensassemos uma maior, mais condigna, grande e justa recepção.



THERMAS PORTUGUEZAS — Balaio de S. Vicente

pela razão de oportunidade, que nem sempre se tem proporcionado aos desejos de ambos os povos se congrataram mais ainda, afirmando e confirmando os laços que os unem e que

Não obstante esses contratemplos, o sr. Dr. Epitacio Pessoa pode avaliar que a consagração que lhe foi tributada,

se não se manifestou esplendorosa como seria para desejar, foi, pelo menos, sincera e reflectiu bem a alma enternecedora dos portuguezes e o seu mais acrisolado affecto pelos seus dignos irmãos do grande Paiz Sul-Americano.

Se em Portugal não houvessem as lacunas que a todo o instante se estão fazendo sentir, a visita do Presidente eleito do Brazil teria sido o melhor ensejo dos ultimos tempos para reavivar, não já os *laços cordeaes*—euphemismo que a praxe protocolar obriga a proferir nos discursos officiaes—mas a amizade, verdadeira e pura, que perduravelmente une os dois povos irmãos-gemeos, a qual, infelizmente, tão pouco e mal temos sabido apreciar.

Que beneficios não poderíamos proporcionar ao nosso Paiz, se—por meio da engrenagem especial e racional que movesse os serviços de Turismo—tivessemos sabido explorar essa visita?

Que satisfação não dariamos ao povo brasileiro, mostrando-lhe com a maior realidade as phases porque passou aqui a visita do seu supremo magistrado?

A grande e vistosa recepção; a parada militar; o cortejo; a cerimonia na Camara Municipal; o palacio Nacional onde o illustre viajante se hospedou; a sua partida para Cintra; as festas que por tal motivo se deviam realizar n'essa estancia, mas que não tiveram logar; a volta por Cascaes, em vistosa caravana, que tambem não se effectuou; a aclamação durante o almoço no «Avenida Palace»; o embarque; enfim, tudo o mais que se pudessem aproveitar, não seriam ensejos suficientes para a noção da realidade atravez as interessantes peluculas animatograficas que se impressionassem e que depois percorreriam todos os animatographos da grande nação sul-americana?

E se se tivesse sabido preparar a curiosidade indigena d'esse Paiz por essas fitas cinematographicas, com atrahentes descrições d'aqui enviadas para os jornaes brasileiros, não se teria ali um bom, excelente e proveitoso elemento de propaganda?

—Mas... para mal de todos nós, tudo, n'este malfadado paiz, está fóra dos eixos, até mesmo os serviços de turismo, que nasceram tortos. E quem torto nasce...

Longe vá o agoiro.

JOSÉ LISBOA

A «Revista de Turismo»

Vende-se em HESPAÑA nas bibliothecas das seguintes estações:

Manzanares, Medina del Campo, Mérida, Madrid e Badajoz.

A «REVISTA DE TURISMO»,

A grêve tipografica, que acaba de terminar, tendo vindo embarçar mais ainda a já difficil vida economica da nação e afectar poderosamente a industria grafica, não podia deixar de fazer-se sentir em a «Revista de Turismo» que por esse motivo só hoje publica o seu numero referente a 20 de Junho passado, com que completa o seu terceiro ano de existencia.

Esta falta, que para nós representa prejuizos irreparaveis, sem que para ela em nada tenhamos contribuido,

será—sem duvida—justamente apreciada pelos nossos estimaveis assinantes e anunciantes; esperando, porem, que isso não influirá no bom acolhimento que, por certo, estará reservado para o novo ano de publicação d'esta Revista. Comemorando o inicio d'esse novo ano, o proximo numero 73 da «Revista de Turismo» inserirá uma especial colaboração de vultos eminentes no turismo, nas artes e letras portuguezas, bem como as fotografias dos homens que mais se tem distinguido na magna questão do Turismo em Portugal.

NOTICIAS DIVERSAS

Portugal no estrangeiro

A rasgada e patriótica iniciativa do Banco Ultramarino, em estabelecer em Paris a casa de Portugal, onde, alem da sua importante sucursal, se reunirão varias entidades portuguezas, vae sendo imitada por outras casas do nosso paiz, se bem que não tão importantes, mas obedecendo, em criteriosa orientação, a mesma ideia patriótica. Assim acaba de abrir na Rue de la Grange Batelière, 13, um grande escriptorio de consignações de artigos portuguezes, o nosso amigo e sr. Marques da Silva, um dos membros da nossa colonia mais conhecidos na capital da França pelos seus serviços prestados aos soldados expedicionarios portuguezes, com a criação da Cantina Nacional e com a fundação do Triangulo Vermelho Portuguez.

A nova casa, que adoptou o titulo de «Centro Commercial Portuguez Brasileiro», destina-se a transaccionar largamente os nossos productos de exportação, devendo em breve ter sucursaes na Suissa, Italia, Belgica, etc.

Em Paris, já dispõe de uma sala de exposições, na rua de Montholon, n.º 29, perto da Rua La Fayette, onde a primeira abrirá brevemente.

E' pois, como a maior satisfação que registamos este facto, bem digno do nosso aplauso e do concurso que lhe possa ser dispensado por quem na representação portugueza no estrangeiro veja bem os beneficios que a nossa patria d'ahi usufrue.

Novo horario de comboios

SEGUNDO NOS consta, parece que em virtude da adopção do novo horario de trabalho, vão ser modificados os horarios dos comboios, principalmente nos de longo curso.

Não sabemos se esta noticia tem fundamento; supomos, porem, que haverá o criterio sufficiente para não tornar mais embaraçoso um serviço que, atualmente, deixa a desejar, muito embora se leve em conta as difficuldades emergentes do actual momento.

Torna-se necessario normalisar a nossa vida, favorecendo-a com todas as condições

possiveis para que ela bem se manifeste em todos os ramos da sua actividade; e não é, certamente cerceando-se-lhe os meios de que pode dispor que se facilita esse «desideratum».

Se forem tomadas algumas medidas restrictivas na circulação dos comboios—que não se justificam no presente momento—os prejuizos serão incalculaveis para o publico e para as administrações que taes providencias adoptarem.

Caridade «Pró-animaes»

A Sociedade Protectora dos Animaes, de Lisboa, animada do intuito de bem cumprir a sua missão e de se desempenhar dos encargos que lhe impõe a protecção aos seres inferiores, acaba de abrir uma subscrição publica para a aquisição de carros-automoveis especiaes, destinados á condução, para os hospitaes veterinarios, dos animaes que se encontrarem doentes, assegurando assim por forma eficaz o serviço permanente que se torna necessario estabelecer para que a nossa capital fique a par das grandes cidades civilizadas do mundo.

E' um cometimento digno de todo o aplauso que sem duvida terá o melhor acolhimento, visto tratar-se d'uma obra verdadeiramente humanitaria.

Todos os donativos para essa subscrição devem ser dirigidos a Comissão que para esse fim foi constituída entre os socios da benemerita sociedade, e que se acha instalada na sua sede.

Serviço de banhos

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, para facilitar o acesso aos banhos da Amieira e do Bicanho, estabelece desde 1 de Julho até 31 d'Outubro dois comboios, sendo um ascendente e outro descendente, com bilhetes especiaes a preço reduzido para passageiros de 3.ª classe.

Dado os bons resultados obtidos pelos frequentadores das duas pequenas thermas, é de esperar que o concurso da Companhia dos Caminhos de Ferro facilite o progresso e o desenvolvimento d'essas excelentes estancias e as torne conhecidas, como de justiça.

ARTE E LITERATURA

SONETO

DE ANTHERO DO QUENTAL

*Poz-te Deus sobre a fronte a mão piedosa:
O que fada o poeta e o soldado
Volveu a ti o olhar, de amor velado,
E disse-te: «vae, filha, sê formosa!»*

*E tu, descendo na onda harmoniosa,
Pousaste n'este solo angustiado,
Estrela envolta n'um clarão sagrado,
Do teu limpido olhar na luz radiosa...*

*Mas eu... posso eu acaso merecer-te?
Deu-te o Senhor, mulher! o que é vedado,
Anjo! deu-te o Senhor um mundo á parte.*

*E a mim, a quem deu olhos para ver-te,
Sem poder mais... a mim o que me ha dado?
Voz, que te cante, e uma alma para amar-te!*



SONETO

DE ANTONIO BOTTO

*Por ti meus cantos — dobre de finados
São arias de luar e de harmonia;
São arias e são gritos torturados,
Gritos de amôr, Saudade, e nostalgia.*

*Por ti meus olhos pallidos, cansados
—Onde a Dôr fez eterna moradia—
Por ti meus olhos soffrem resignados,
Por ti meus olhos choram de alegria!*

*Por ti me arrasto quase moribundo,
N'esta estrada de lagrimas tam cheia,
N'este mar de tormentos:—N'este mundo!*

*Por ti meu pranto é agua apeteçada,
E' agua que me abraza e me incendeia;
—Por ti eu sou a Morte e sou a Vida!*

SONETO

DE JOÃO PENHA

*Não te posso dizer, com segurança,
O que em ti mais adoro, terna amiga,
Se esse teu corpo, uma escultura antiga,
Se a tua alma gentil, de pomba mansa.*

*Tudo hei pesado na ideal balança
Do pensamento. Inutil, vã fadiga!
Teu corpo esbelto a adoração obriga,
E'-me a tua alma um iris de bonança.*

*Que divina! Translucida, comporta
Tudo um mundo d'amor e de poesia,
Alma que a minha aos céus azues transporta!*

*Escuta, e o mundo, se quizer, que ria:
«Se não fosse magoar uma que é morta,
Para minha mamã te quereria!»*



SONETO

DE EUGENIO DE CASTRO

*Camões, voltando a Portugal, um dia
Foi vêr essa janella rendilhada
Onde aos beijos da lua apparecia,
Nos bons tempos d'amor a sua amada.*

*E, triste, em frente da janella fria,
Como um baixel ao sopro da nortada,
O Poeta soluçava e estremecia,
Olhos no chão e frente annuviada.*

*Isto foi ha tres seculos: no emtanto
Os corações d'agora andam cobertos
Da mesma dôr, das mesmas commoções...*

*Ah! quantos poetas, em amargo pranto,
Não choram hoje nos balcões desertos
Do mesmo modo que chorou Camões.*

THERMAS PORTUGUEZAS

ENTRE-OS-RIOS

No lugar do Campo da Junqueira, ou mais vulgarmente conhecido por Lameiro dos Lódos, na freguezia de S. Vicente do Pinheiro, do concelho de Penafiel, a 10 kilometros de Cete e a 5 da povoação de Entre-os-Rios, brotam as aguas minero-medicinaes conhecidas por Aguas de S. Vicente, n'uma região fertilissima e pitoresca, na qual aos encantos naturaes da paisagem, sobremaneira sorridente, a Natureza soube juntar os da completa amenidade do clima.

De todas as estancias de aguas do Paiz, em que os romanos, no decurso do seu predomínio na península, deixaram assinalado o seu apreço pela exploração das thermas e aguas medicinaes, nenhuma exhibe, como esta, os pergaminhos da sua estirpe. Com effeito, ali se encontrou o antigo balneario romano, descoberto por mercê do acaso, mas desobstruido, estudado e conservado com os cuidados devidos ao valor de uma tal descoberta.

Era no lugar voz corrente que ali deveria existir alguma fonte mineral, porquanto o lameiro formado pelos lódos, que deram o nome ao campo, e o cheiro por eles produzido assim o indicavam. Emprehendidas as pesquisas, em breve se obteve a confirmação da voz geral. Sob os lameiros brotava com effeito uma preciosa fonte mineral. Iniciados os trabalhos de captagem, começou-se a encontrar velhos muros soterrados, vindo afinal a deparar-se com o esqueleto do *balineum* luso-romano, a mais de dois metros abaixo da superficie dos terrenos escavados, projectando-se na direcção leste-oeste e affectando a fórma de um rectangulo irregular. Na opinião do distincto archeologo sr. José Fortes, que ao precioso achado consagrou uma interessante monographia, esse *balineum* data dos fins do primeiro ou principios do segundo seculo da era christã, devendo ter sido abandonado no inicio do seculo V, a quando da invasão nordica.

Nas ruinas foram encontradas muitas peças complementares, aduelas, pedaços de madeira aparelhada, telhas perfeitas, tijolos de fórma diversa, cinzas e fragmentos de ceramica, um

casca de avelã e metade de outra de uma nóz, os restos de uma pia de pedra, pedaços de lenha intacta e chamuscada na ponta, tres tibias e uma omoplata de vitela, dentes e fragmentos de craneo de carneiro ou cabra. Nas imediações acharam-se tres moedas completamente frustes, uma de prata e duas de bronze, e muitos outros objectos.

O *balineum* e todos os outros achados, ali se encontram expostos á admiração dos visitantes, «como as reliquias mais preciosas de toda a archeologia balnearia em evidencia em o nosso Paiz».

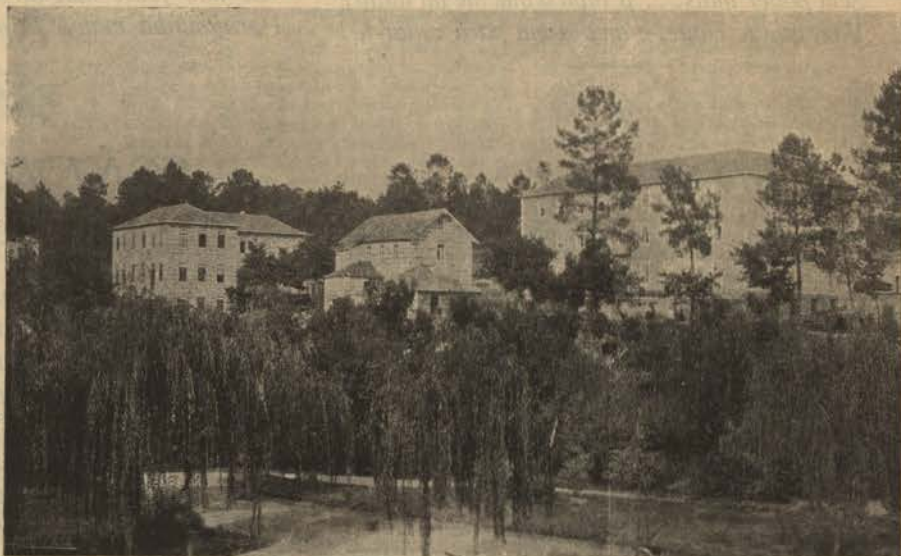
Em 1902 iniciou-se, ao lado das thermas romanas, a construção do novo estabelecimento thermal, que foi inaugurado em 1906; inaugurando-se, tambem, no mesmo ano, (embora então ainda não concluido) o Grande Hotel, hoje de todo acabado e em activo serviço.

sul do concelho de Penafiel, junto á estrada que a liga com a estação de Cete, na *linha ferrea do Douro* a 2 e 1/2 kilometros da foz do Tamega, na margem direita do Douro, avistando-se logo acima a foz do Paiva, na margem esquerda; e a de S. Vicente, que é a mais antiga e já era conhecida dos romanos.

Esta estancia assenta a 200 metros d'altitude, a meio d'um vale extenso, largo e ponco profundo em que vem morrer as encostas suaves dos montes Mosinho, do Frade e da Gandra.

Aufere da sua situação geographica o beneficio d'um clima de montanha muito aprasivel pelas excepcionaes condições d'abrigo que aquelas serras lhe proporcionam.

Como n'uma ancia d'aconchego carinhoso, soerguem estes gigantes o seu dorso de granito o bastante para quebrar a furia ás desabridas agitações atmosphericas, que iriam perturbar o enlevo e encanto d'aquelas aldeias que, simples e recatadas, dormem na paz serena do vale; mas não se alteiam tão soberbos que as soterrarem no fundo d'um abismo onde as asphyxie o peso d'uma atmospherica abafada de reavoação difficil.



THERMAS PORTUGUEZAS - S. Vicente de Entre-os-Rios
Vista do parque

A analyse chimica d'estas aguas deusas como *hipethermaes*, *hiposalinas*, *sulphidratadas*, *cloretadas* e *carbonatadas sodicas*, *silicatadas* e *litinadas*.

Utilizam-se, com optimos resultados, nas *doenças do aparelho respiratorio*, *rheumatismo*, *escrofulismo*, *algumas doenças do aparelho digestivo*, *da pele* e *mucosas*.

Sob a generica denominação de *aguas de Entre-os-Rios* são conhecidas duas estancias: a *da Torre*, ao

Do alto das suas cumiadas espriaise pelo declive das encostas o sopro bemfazejo d'uma brisa frouxa e subtil que, ao mesmo tempo que purifica o vasto horizonte, faz diluir no sulco profundo do leito do Douro as espessas neblinas que d'este se levantam.

Aquela viração refrigerante, que do cume do Mosinho desce a amenisar as calmosas sestias estivaes, presta á Estancia est'outro não menos aprecia-

vel serviço, de conservar espurgado de nevoeiros o seu ambiente purissimo.

Na verdade as densas brumas do leito do Douro que, espalhando-se pelo Tamega e subindo o ribeiro das Ardiás, tantas vezes atingem a orla do extremo sul do vale, rarisimas vezes envolvem o local em que a Estancia repousa.

Durante toda a longa temporada de tratamento, o nevoeiro pouco a visita, não se demorando nunca além das nove horas.

A este harmonioso concurso de disposições topographicas deve, pois, a Estancia a amenidade e uniformidade

te, a 12 metros apenas do balneario, com a lotação de 100 hospedes e todo e conforto moderno; ou no *Hotel da Varzea* e ainda nas hospedarias e outras casas de habitação das proximidades.

Na da Torre ha o *Grande Hotel da Torre*, tendo anexo o estabelecimento hydrotherapico, e o *Grande Hotel de Entre-os-Rios*, ambos propriedade da Sociedade das Aguas de Entre-os-Rios, que é concessionaria da exploração. O serviço em qualquer d'esses dois hoteis, nada deixa a desejar, tanto em alojamento como em comida. São dois hoteis modernos em

Curveira, e a alguns metros da estrada que passa pelo local.

São estas aguas indicadas no tratamento das *laringes chronicas*, *bronquites chronicas e asmaticas* (quer simples, quer quando indiquem manifestações de *vicio herpetico* ou *artrítico*) e em todas as outras do *escrophulismo*, *arthritis* ou *siphilis antiga*, sendo a sua especialidade, por experiencia, nas *doenças dos orgãos respiratorios*.

Alem dos dois hoteis que já citamos, ha ainda nas thermas de S. Vicente os seguintes: Grande Hotel, Grande Hotel da Varzea, Hotel Peninsular, o Aliança, o Internacional e o Club-Hotel, este ultimo servindo tambem de Casino d'esta aprazivel estancia.

A estação que serve a estancia de S. Vicente, dando acesso tambem á da Torre, a 12 kilometros d'esta e a 10 d'aquella, é a de Cete, na *linha ferrea do Douro*, podendo tambem utilizar-se a estação de Penafiel, na mesma linha, de junto da qual partem os comboios da linha (de via reduzida) de *Penafiel á Lixa e Entre-os-Rios*, que tem serviço combinado. Para quem preferir a estação de Cete, ali encontrará trens e automoveis para a sua condução a qualquer das duas estancias, pela estrada que atravessa o rio Sousa, logo adiante da estação, que é

a que vem de Guimarães á Lixa, e no leito da qual assenta a linha redusida que citamos.

Essa estrada é cheia de aspectos pitorescos, como o é igualmente a região onde demora quer uma quer outra das duas estancias de Entre-os-Rios, região que, no dizer de Ramalho Ortigão, é «de uma grande tranquillidade doce, penetrante, em que repousam os olhos, e o espirito se embebe de um mysterioso induto balsamico, emanado dos pacificos aspectos das aguas e da paisagem.»

São estancias que podem visitar-se com prazer e onde se passam deliciosos momentos.



Caldas de Monchique

(Continuação)

As Caldas de Monchique teem uma situação privilegiada, na encosta sul da montanha de Picota (Serra de Monchique) a 206 metros de altitude



THERMAS PORTUGUEZAS - S. Vicente de Entre-os-Rios Grande Hotel

da sua temperatura, a ausencia de nevoeiros e ventos asperos, a pureza do seu ar, constantemente renovado e oxigenado pelo balsamo activo d'uma vegetação viçosa, opulenta e luxuriante.

Facilita-nos ainda, a escolha de passeios variados que pela diversidade amplissima d'accidentes naturaes se adaptam admiravelmente á infinita gradação de energias organicas e de capacidades respiratorias.

A estancia da Torre, assenta nos primeiros planaltos das margens direitas do Douro e do Tamega, a cerca de 200 metros acima do nivel do mar, pertencendo a povoação á freguezia de Eja. As aguas d'esta segunda estancia acham-se classificadas como *frias, hyposalinas, sulphuradas-sodicas fortes e carbonatadas alcalinas*.

Na de S. Vicente, os frequentadores e os visitantes podem tomar hospedagem no *Grande Hotel de S. Vicen-*

toda a extensão da palavra.

O caudal da estancia de S. Vicente é de cerca de 32.000 litros em cada 24 horas.

Na moderna estancia chamada da Torre, a nascente era só uma e brotava a poucos metros de distancia do balneario respectivo, havendo sido nova e directamente captada na rocha, d'onde a agua é conduzida para o estabelecimento por canalização de vidro, tendo um caudal de certa importancia, mas pouco sufficiente. O desenvolvimento que rapidamente tomou a estancia hydrotherapica de Entre-os-Rios, apenas comparavel ao que elevou o Gerez á sua actual situação, determinou a pesquisa de novas nascentes, que foram encontradas com relativa facilidade. Descobriram-se as que se denominaram das *Casas Novas*, em numero de tres, hoje conhecidas pelos nomes de *Presas, Mina e Biquinha*. Mais tarde encontraram-se a *das Ardis*, na ravina da mesma denominação, a jusante do estabelecimento, e a *da Curveira*, a montante, próximo á casa chamada da

n'uma região extremamente pitoresca, abundantemente arborizada, deslocando-se notavelmente dos terrenos livremente acidentados no litoral algarvio e do Alemtejo.

Constitue uma pequena povoação, que vive exclusivamente do movimento dos frequentadores na estação balnear.

O seu clima é muito doce, não descendo de inverno a mais de 0°, e mantendo-se nas mínimas temperaturas de 5 a 7 graus apenas poucas horas na madrugada.

De verão o clima é amenizado pelo vento norte moderado, que é quasi constante.

A temperatura media anual é de 17 graus.

A atmosphera é bastante sêca e nunca atingida pelos nevoeiros do cimo da serra em dias chuvosos.

A doçura do clima é atestada pela vegetação predominante de folha permanente, pelas plantas tropicais que ali vegetam e frutificam e pela feracidade do rebentar da primavera.

As aguas termas são carbonatadas, sulfo-alcaldas fracas, optimas para a digestão, podendo ser usadas internamente em larga escala, sem prejudicar o organismo, como succede com as aguas fortemente mineralizadas. São empregadas com grande successo nas dispepsias e enterites crônicas, na prisão de ventre, no rheumatismo, gota, nas doenças infecciosas do sangue,

anemia, erupções humidas e secas da pele.

Empregam-se em banhos de imersão, duches, pulverisações, apusões, enfaixamentos e internamente.

As aguas potaveis da região são excellentes.

Como meios adjuvantes do tratamento empregam-se nas Caldas de Monchique applicações hidroterapicas, banhos de sol, gymnastica medica, psycaterapica e aereoterapia que atenuam muito o numero de enfermidades que se tratam com vantagem na estancia.

A época balnear é de maio a outubro; mas o estabelecimento está aberto todo o ano, começando a haver afluencia durante o inverno para aproveitar as excellentes condições climatericas d'esta estancia.

O numero de frequentadores tem augmentado 30 % nos ultimos quatro anos, devendo elevar-se consideravelmente logo que sejam executados os importantes melhoramentos que se projectam, para o que as Caldas de Monchique, unicas ao sul do Tejo, tem proporções para se tornar n'uma das mais frequentadas estancias do paiz.

O medico director do estabelecimento é o sr. Dr. Bentes Castel Branco, um abalizado clinico que muito se tem dedicado ao tratamento natural.

N'esta aprazivel estancia ha hotéis, chalets e quartos mobilados para os frequentadores e um hospital para pobres.

o jantar aos trabalhadores. E, contentes, fazem tudo com methodo, com enthusiasmo. Quando se sentem cansados, estendem-se entre os varais da carroça, deitam a lingua de fóra e arfam um bocado, para depois proseguirem. Quando estão empregados em fazer mover a grande nora da fabrica de manteiga são substituidos por outros companheiros caninos logo que mostram cansaço, indo repousar até que novamente lhes chegue a vez de entrarem em serviço. Como se vê, aqui explora-se a utilidade d'esses fieis animaes, o que os torna ainda mais dignos de boa consideração.

Vamos, agora, ás trincheiras.

Partimos depois do almoço, em companhia de alegres amigos.

O sol começava a aquecer, e o automovel que nos conduziu, dentro em pouco, levou-nos a St. Venant, o primeiro reduto portuguez. Encontrámos a pequena vila meio derrocada. Os buracos largos nas paredes dos predios, demonstram bem qual o furor com que o ataque foi feito.

Entrámos no primeiro «Bar» estabelecido na unica rua que resta inteira. Trez raparigas, loiras, simplesmente formosas, serviam á pouca clientela da loja. Uma d'elas, veiu ao nosso encontro e falou-nos em portuguez, o que nos causou grande admiração; porem, ella atingiu o superlativo, ao constatar-mos que toda a gente com quem falámos, n'essa pequena terra, comprehendia a nossa lingua. Oh! admiração das admirações!!!

Mas ha mais. Essas lindas mulheres não só empregam graciosamente o verbo de Camões, como tem pelos portuguezes uma enorme afeição e uma grande saudade—dos que já se ausentaram!

Deixámos o bar e seguimos. Todos nós, portuguezes d'alma e coração, falavamos ao mesmo tempo, cada um frisando um ponto, recordando um facto. Assim um «assinalou a morte do tenente X. n'uma pequena leira de terreno. Outro indicou o lugar onde, braço a braço, se houvera com os «boches». Depois um caso pitoresco, etc.

Em uma trincheira, ainda escancarada, mostrando nas entranhas grandes rolos de arame farpado, apontaram-nos onde haviam estado, sob a dureza da neve e do fusilar da artilharia. Seguindo para deante, passamos umas ruínas, onde um dos nossos companheiros, descobrindo-se, nos indicou o cimiterio em que jazem os nossos compatriotas, sob cruces feitas, á pressa, de dois paus toscos. Os «bonets, depostos sobre as campas,

CARTAS DE PARIS

*A tranquilidade d'agora — Cães trabalhadores
— A grande derrocada — Lille, sem fabricas
nem fontes — Visão de tragedia.*

ROQUETAIRE foi, por assim dizer, na grande guerra, o ponto mais importante do sector portuguez, agora quasi desfeito. Pelas ruas d'essa pequena povoação da Flandres circulam, ainda, aos magotes, os nossos soldados, n'uma despreocupação tranqüila, que se metamorphoseou quando lhes falei. Calcula-se bem o efeito que a minha presença lhes causou. E' natural. Por isso assaltaram-me com perguntas sobre a terra distante, a respeito d'essa patria amada que eles ali representaram. O seu aspecto era optimo. Sadios de belo parecer—a vida estava-lhes correndo bem—parecia até terem esquecido os dias amargurados da terrivel guerra.

O quartel general estava instalado n'um velho *chateau* ao fundo d'uma alameda de choupos, tristes e esguios,

onde, d'uma das janelas; descubri um rio preguiçoso, encharcando os campos por pequenos canaes, n'uma natural irrigação. N'eles navegam grandes barcaças que, á sirga, são rebocadas por uma mulher, um petiz e um cão, n'um lento caminhar. Os cães, em França, mórmente nas provincias do Norte, não são simples objectos de luxo ou de regalo, mas servem de valiosos auxiliares de trabalho. Em geral, são eles que, consciuos dos seus deveres, levam o leite aos freguezes, metidos aos varais de pequenas carroças.

O seu esforço é, tambem, aproveitado em fazer acionar a roda motora de pequenas fabricas de manteiga e de outras industrias em que pode ser aproveitado o seu concurso. Além d'isso, são esses animaes que levam

confundem-se já com a terra, onde brota herba fresca. Todos nos descobrimos enquanto o automovel passou devagar por entre o silencio sepulchral do campo, cujo ambiente perfumámos com uma fervorosa oração pelo eterno descanso dos nossos bravos compatriotas.

Merville, que, na sequencia da nossa marcha, divisámos ao longe, fôra rica, fôra feliz, mas agora a sua alta cathedral domina apenas uma grande tristeza de ruínas, toda uma imensa derrocada. Nem uma só casa se acha de pé; nem uma só pessoa ali manifesta a existencia da humanidade! Tudo está envolto n'uma grande tristeza. O canhão e o obuz destruíram tudo, desde as pontes sobre o rio, até o chafariz, no centro da principal praça d'essa pequena cidade. Ali os nossos bateram-se como leões; ali detiveram com indomável energia o pavoroso avanço teutão.

Fomos ainda mais adiante. Sempre as mesmas ruínas, sempre a mesma tristeza!

A noite vinha caindo, e no regresso, as paredes altas da cathedral de Merville, envoltas no reflexo d'um luar tranquilo, tinham o aspecto macabro de uma ossada, ou dos mastros desmantelados d'uma galera, oscilando ao abandono sobre as ondas do mar.

No dia seguinte depois d'uma affectuosa despedida dos meus companheiros, seguí para Armentières e pude, então, atravessar todo o nosso sector desde o Aize a Berguette e até quasi ás portas de Lille.

O comboio em que me dispuz a seguir estava cheio. Paciencia, esperai um lugar. Entretanto toda a gente me olhava com ares de sympathia. Presumiam que eu estava já desmobilizado, e que ia ver a... noiva.

Não me seria facil dizer o contrario; tinham lá casado tantos portuguezes!

Certamente eu seria um d'esses felizes—afirmaram umas boas mulheres vestidas de luto. Uma d'elas chegou mesmo a confirmar essa suposição, acrescentando que a minha noiva morava ali perto, porque já conhecia a Madame. Dirigindo-se com uma encantadora franqueza, perguntou-me como estava *ela*, pois ainda ha pouco a tinha visto. Depois exaltou o meu bom gosto, em que poz uma nota viva, translucida nos seus olhinhos d'inteligencia. E como, porem, eu afirmasse que havia engano da parte d'elas, pois que nunca ali tinha ido, as boas creaturas desconfiaram de mim.—Eu,

por certo, não dizia a verdade, e podia ser franco, visto elas serem pessoas de segredo...—me disseram em tom de me confundirem. Afinal arrependi-me. Eu devia ter dito que sim. Uma noiva em hipothese, se não é muito agradável, é pelo menos interessante e tem o seu quê de idealismo...

Ao meio dia cheguei a Lille, a grande cidade victima mais da malvadez, que dos efeitos do canhão.

Os alemães, durante a occupação, levaram tudo que ela tinha de valioso em arte e antiguidade; e o que não puderam levar, destruíram. E, assim, as imensas fabricas, que eram o justo orgulho da França manufactureira, foram todas destruídas á bomba por explosões e por todos os meios ao alcance.

Tudo está sepultado nos escombros d'uma grande malvadez.

As pontes do caminho de ferro—bastantes eram—foram destruídas e atiradas ao rio, como se em vez de formidaveis tramos metallicos fossem pequenos pontões de madeira sobre riachos.

Como a cidade é edificada n'uma pequena eminencia de terreno circundada por um rio, e como d'ela saham, muitas linhas ferreas que obrigaram a construcção de muitas pontes, foi grande a destruição, que começa agora

a recompor-se. São os prisioneiros «boches», n'um justo castigo, que trabalham agora sob a vigilancia das carabinas francezas—e quem sabe se foram aqueles mesmo que atiraram ás innocentes obras d'arte e ás inofensivas fabricas, a bomba destruidora e infernal que as arrazou.

Parti de Lille, para Paris, no rapido da tarde, e ao chegar a Douai tive novamente a sensação da imensa derrocada, que se prolonga n'uma visão de mais de 100 kilometros. em que não ha uma palpação humana, estando o chão, n'alguns sitios, tão limpo que ninguem diria que ouve ali, ha pouco, uma aldeia, bastas vezes secular.

Ao atravessar a linha dos *boulevards* vinha sob a impressão emocionante que me deixou essa visita.

Relembrei então a vida que se fazia na cidade do prazer enquanto n'essas trincheiras da morte os *poilus* e os seus aliados, sob a dominadora influencia do sagrado sentimento, defendiam, palmo a palmo, corpo a corpo, a liberdade bem mal comprehendida por alguns...

Paris, maio 1919.

GUERRA MAIO

A CASA PORTUGUEZA

O ESTORIL HERDEIRO DA TRADIÇÃO

ENTRE os progressos que o turismo está desenvolvendo em Portugal, tem-nos merecido especial menção, os trabalhos que, quer por conta de Empreza, quer por conta dos particulares, se estão realisando no Estoril.

Como se sabe, a Empreza Estoril abriu um concurso entre alguns artistas architectos nacionais, para a confecção de projectos de habitações, grandes e pequenas, arruamentos em que deve ser dividido o seu Grande Parque, de fôrma a evitar que n'ele se edifiquem os tais *caixotes* e *gaiolas*, que pela linda linha de Cascais se vêem desde Oeiras até aquélla vila.

Se os concorrentes não foram numerosos, como seria para desejar, appareceram todavia alguns e dos melhores. Os que se recusaram a enviar as suas provas não terão de se queixar, no futuro.

O que é certo é que já estão projectadas diversas construcções de casas, uma das quaes é do distincto archite-

cto, sr. Norte Junior, a quai já publicámos n'esta Revista; seguindo-se a que as nossas gravuras representam e cujo projecto é do talentoso lapis do sr. Silva Junior, de que já tambem inserimos outros belos trabalhos feitos por conta da mesma Empreza, os quaes tem merecido geraes encomios.

Esperamos poder gradualmente publicar as gravuras dos outros projectos que para a linda estancia do Estoril se estão fazendo e venham a ter realidade, com o que contribuímos para o facil conhecimento dos progressos do turismo no ponto do país que, sem contestação, está destinado a ser considerado como um dos primeiros da Europa, senão o primeiro, não só pela sua privilegiada localisação, como pela inexcusable amenidade de clima.

A casa que damos em gravura, já é considerada pelas suas condições de comodidade, conforto e disposição, como vivenda de luxo. E' mandada construir pelo Sr. Alexandre Nunes de

Sequeira, que adquiriu para isso um bem situado lote de terreno.

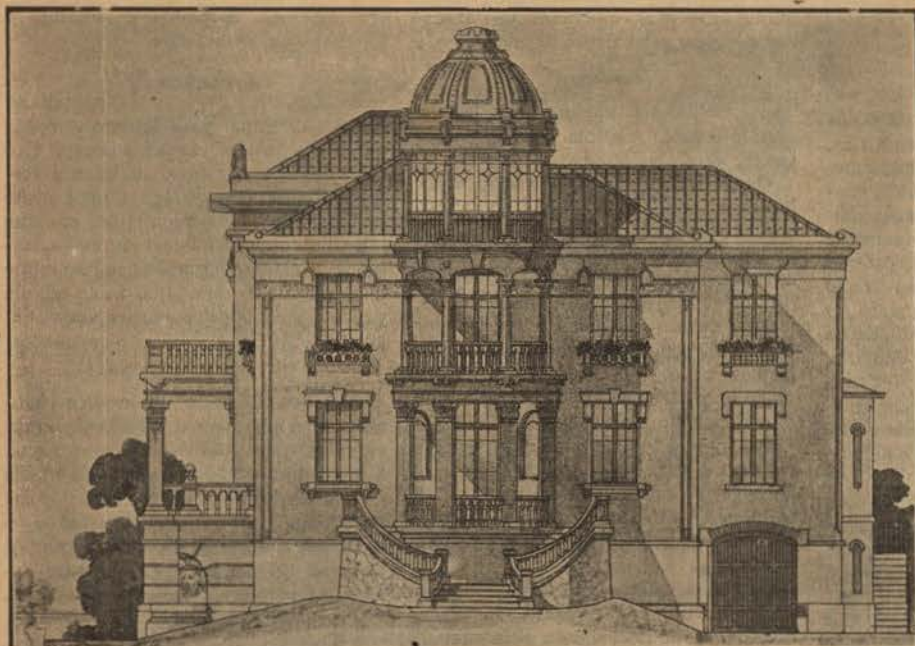
O edificio tem primeiro e segundo pavimentos, ambos com amplas e higienicas casas. Nas caves ficam va-

A escadaria exterior, com balastrada, conduz ao terraço coberto, que segue em torre circular, encontrada na frente, e termina ao nível da cimalha por um mirante envidraçado, onde

de um vasto talhão de terreno, todo ajardinado e limitado por uma vedação de pedra e ferro com artisticos portais.

Publicamos as duas fachadas principais da interessante vivenda, como já fizemos da casa cujo projecto é da autoria de Norte Junior e julgamos assim prestar um inestimavel serviço ao turismo, incitando os homens de recursos financeiros a seguirem o exemplo dos que já se antecederam, adquirindo terrenos e fazendo ali, no lindo Estoril, umas casinhas de recreio e até de permanencia, pois o clima, sem igual, a isso convida.

N. C.



Casa Portuguesa - Fachada principal

rias acomodações e a garage, com dependências; sendo, porém, essas divisões independentes dos outros compartimentos.

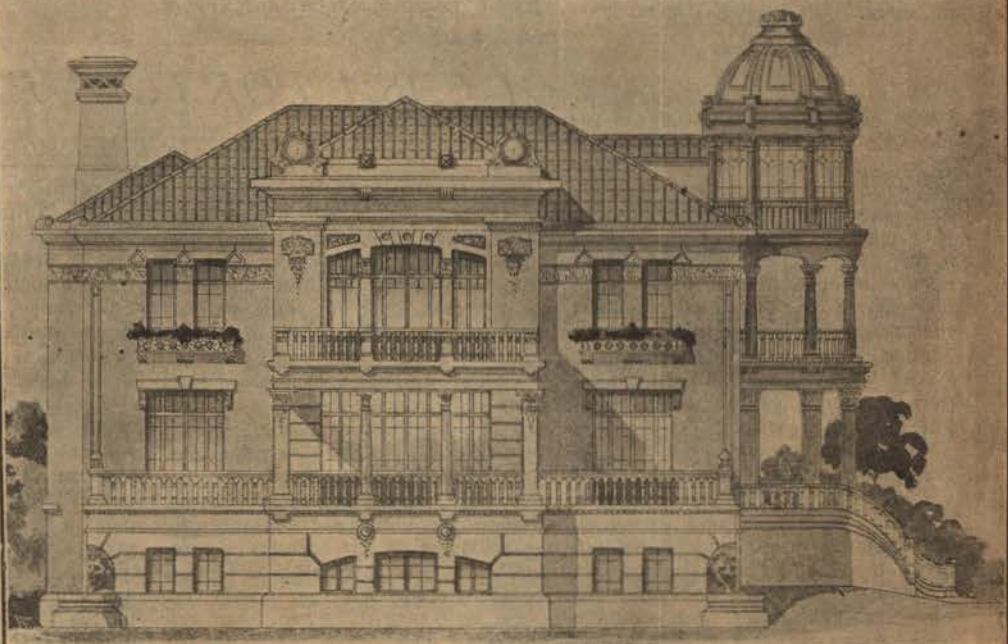
No andar nobre, para onde se entra por um terraço circular, encontram-se oito divisões, um vestíbulo, uma casa de banho e o W. C..

A' esquerda, entrando, ficam: o escritorio, a sala de jantar, o salão de bilhar, dando estes três compartimentos para um outro belo terraço. A' direita, n'esse mesmo pavimento, a seguir á escada nobre, acha-se uma sala intima que deita para um corredor que dá acesso a outra retrete e ao lavabo. Ao fundo ha uma escada de serviço, o quarto de costura, a dispensa, a retrete de creados e cosinha, com serventia exterior para o jardim.

O primeiro andar foi sómente destinado a amplos quartos com «toilette» banho e retretes e dois terraços nas duas frentes principais.

tambem se pode ir pelo sotão e pela escada interior de serviço.

Esta casa é, sumariamente, um pequeno palacio, e dará, com as outras edificações já começadas e projetadas, um belo aspecto ao local, no centro



Casa Portuguesa - Fachada lateral

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

Comporio e impresso no «Centro Tipografico Colonial»
Largo da Abegoria, 27 - Lisboa

Companhia Nacional de Navegação



Serviço regular entre a metrópole e colónias africanas

FROTA DA COMPANHIA

TONELADO	TONELADO	TONELADO
Mocambique... 6.500	Chinda... 1.000	SO PRAA CANGA
Africa... 6.000	Luabo... 1.800	Mossamedes... 6.000
Beira... 4.500	Guiné... 1.811	Dando... 5.000
Portugal... 4.800	Manica... 1.810	HEROCADOREZ
Zaire... 8.100	Ambriz... 915	Telo
Cazengo... 8.800	Ibo... 300	Cabinda
Ambaca... 2.800	Bolama... 850	Congo
Peninsular... 2.740	Mindello... 200	

Sabidos regulares para a África Ocidental e Oriental, Soimé, Cabo Verde, e com trasbordo para todos os portos das duas costas

Todos os vapores desta Companhia têm frigoríficos, telegraphia sem fios, electricidade, e todos os modernos requisitos da navegação

Escritórios:

R. do Comercio, 85 - LISBOA R. da Nova Alfandega, 76 - PORTO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

BANCO Lisboa & Açores

CAPITAL RSC.
4.500.000\$

SÉDE EM LISBOA AGENCIA NO PORTO
Rua Aurea, 88 R. Elias Garcia, 38 a 48

NEGÓCIOS BANCARIOS NOS SEUS VARIADOS RAMOS
ALUGUER DE COFRES

ARRECADACÃO DE VALORES, VOLUMES, ETC.
POR PREÇOS MODICOS

ASSOCIAÇÃO DE INHABILIDADE

DO
PESSOAL DA MARINHA MERCANTE PORTUGUEZA
(Socorros Mutuos)

CAIXA ECONOMICA MARITIMA
97, R. dos Fanqueiros, 101 - LISBOA

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES
OURO, PRATA, PEDRAS PRECIOSAS E PAPEIS DE CREDITO
A JURO MODICO
DEPOSITOS A ORDEM E A PRAZO

4.ª EDIÇÃO MANUAL DO VIAJANTE EM PORTUGAL

POR L. DE MENDONÇA E COSTA

DIZ TUDO - SABE TUDO

Preço 1\$00

A venda nas livrarias, principais estações de caminhos de ferro e na sua redacção: Rua do Horta Seca, 13, 1.ª - LISBOA

Aguas de S. Vicente

NA ESTRADA DE CETTE A ENTRE-OS-RIOS

Eficacia reconhecida ha mais de 16 séculos, como atestam as ruínas do balneario romano, actualmente a descoberto, nas doenças do aparelho respiratorio, taes como

Bronchites chronicas, simples ou seguida da gripe, bronchite asmática, etc.

São as mais sulfureas das aguas portuguezas analysadas, as mais alcalinas d'entre as de sulfuração elevada e pertencem sob o ponto de vista microbiologico ao grupo das aguas purissimas, como mostra a analyse feita pelo sábio chimico e bacteriologista *Charles Lapiere*.

O ESTABELECIMENTO HYDROTHERAPICO, com as novas e amplias installações e com os mais aperfeiçoados aparelhos para applicações de douches, pulverisações, etc., e o magnifico

Grande Hotel de S. Vicente

Abertos, de JUNHO a meados de OUTUBRO.

PHARMACIA E MEDICO PERMANENTE.

Pedido de aposentos: Grande Hotel de S. Vicente - ENTRE-OS-RIOS

Depositos e informações

PORTO LISBOA

PHARMACIA CENTRAL

DROGARIA PENINSULAR

R. Santo Antonio, 207

Rua Augusta, 39 a 45

COMPANHIA DE SEGUROS

A NACIONAL

SÉDE NA SUA PROPRIEDADE

Avenida da Liberdade, 14 - LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Fundada em 17 de Abril de 1906

Capital
500.000\$

Reservas
593.222\$



Seguros sobre a Vida Humana

E CONTRA

ACIDENTES NO TRABALHO,
INCENDIOS,
ROUBO E RISCOS DE TRANSPORTES

COMPANHIA DA MALA REAL DO PACIFICO

(THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY)



CARREIRAS REGULARES

DE

GRANDES PAQUETES RAPIDOS

DE LEIXÕES E LISBOA PARA

BRAZIL — ARGENTINA
PORTOS DO PACIFICO

PORTOS DE ESCALA

LAS PALMAS, S. VICENTE, PERNAMBUCO,

BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS,

RIO DA PRATA, PORTOS DO PACIFICO.

Agentes em LISBOA

E. Pinto Basto & C.ª, L.ª

64, Caes do Sodré

Agentes no PORTO

Kendall, Pinto Basto & C.ª, L.ª

73, R. Infante D. Henrique